

# Cappella Mediterranea Coro Gulbenkian

**Leonardo García Alarcón**

*Vespro della beata Vergine*  
Claudio Monteverdi

---



**31 jan 24**

**31 jan 24** QUARTA 20:00

GRANDE AUDITÓRIO

**Cappella Mediterranea**  
**Coro Gulbenkian**

**Leonardo García Alarcón** Direção musical

**Mariana Flores** Soprano

**Deborah Cachet** Soprano

**David Sagastume** Contratenor

**Valerio Contaldo** Tenor

**Mathias Vidal** Tenor

**Andreas Wolf** Baixo-Barítono

**Rafael Galaz** Baixo-Barítono

**Inês Tavares Lopes** Maestra do Coro Gulbenkian

**Claudio Monteverdi**

*Vespro della beata Vergine, SV 206*

1. Intonatio “Deus in adjutorium - Domine ad adjuvandum”
2. Psalmus 109 “Dixit Dominus”
3. Concerto “Nigra Sum”
4. Psalmus 112 “Laudate pueri Dominum”
5. Concerto “Pulchra es”
6. Psalmus 121 “Laetatus sum”
7. Concerto “Duo seraphim”
8. Antiphona “Corde et animo”
9. Psalmus 126 “Nisi Dominus”
10. Concerto “Audi coelum”
11. Sonata sopra “Sancta Maria”

INTERVALO

12. Psalmus 147 “Lauda Jerusalem”
13. Hymnus “Ave maris stella”
14. Magnificat

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 2h 15 min

INTERVALO DE 20 MIN.

# Claudio Monteverdi

(Cremona, 1567 – Veneza, 1643)

## Vespro della beata Vergine, SV 206

COMPOSIÇÃO 1610

DURAÇÃO c. 2h 10 min.

Na encruzilhada entre duas épocas, Claudio Monteverdi foi simultaneamente um dos autores mais brilhantes do Renascimento tardio e do Maneirismo e o primeiro grande representante das principais tendências do Barroco. Estas tendências manifestam-se quer nos géneros e estilos musicais que cultivou, quer na linguagem musical. Basta pensar que foi o último vulto de peso no domínio do madrigal e o primeiro grande compositor de ópera. Nascido em Cremona, a sua carreira repartiu-se entre Mântua, onde exerceu funções como instrumentista e mestre de capela da corte dos Gonzaga, e Veneza (a partir de 1613) na qualidade de mestre de capela da Basílica de São Marcos. Com um perfeito domínio do *stile antico*, adquirido com Marco Antonio Ingegneri, passou rapidamente a partilhar as preocupações dos mais avançados músicos do seu tempo, sobretudo as que emanavam da Camerata Fiorentina (berço de novas técnicas como a monodia acompanhada, o *stile recitativo*, o *stile rappresentativo*, o baixo contínuo ou a própria ópera). Estas encontravam-se intimamente ligadas à recuperação dos ideais da Antiguidade e à procura de novas formas de expressão na relação entre texto e música através da subordinação desta última à prosódia natural e ao conteúdo semântico do poema.

O próprio Monteverdi viria mais tarde – sob a forma de uma carta assinada pelo seu irmão Giulio Cesare, inserida no Prefácio ao 5.º Livro de Madrigais (1605) e, em versão ampliada, nos *Scherzi Musicali* de 1607 – a designar este novo estilo como *seconda pratica*. O princípio fundamental era a supremacia do texto, contrapondo-se à *prima pratica*, ou seja, ao estilo polifónico herdado do Renascimento e codificado por Gioseffo Zarlino. Foi também nesta época que Monteverdi compôs a “*favola pastorale*” *L’Orfeo* (1607), habitualmente considerada a primeira ópera de relevo da história da música. Um ano depois surgia *L’Arianna*, da qual sobreviveu apenas o famoso lamento, e já nos finais do período veneziano *Il ritorno d’Ulisse in patria* (1641) e *L’incoronazione di Poppea* (1642), lançando as bases de um novo género que teria uma expansão bastante rápida. A destreza dramática de Monteverdi pode verificar-se também nos seus últimos livros de madrigais, em especial no oitavo (*Madrigali Guerrieri ed amorosi*), onde se inclui o célebre *Combattimento di Tancredi e Clorinda*.

Em 1610, quando era já uma figura de vulto do universo da música vocal profana, Monteverdi publicou em Veneza uma grande coletânea formada por oito

cadernos de obras sacras dedicadas ao Papa Paulo V, certamente no intuito de vir a obter um cargo em Roma, intitulada *Santissimae Virgini Missa Seni Vocibus ad Ecclesiarum Choros ac Vespere pluribus decantanda cum nonnullis sacris concentibus*. Uma missa a seis vozes sobre temas de Nicolas Gombert, ainda composta sobre os princípios do *stile antico* quinhentista, não obstante a presença do baixo contínuo, contrasta assim com *Vespro della beata Vergine*, obra de vanguarda onde estão patentes as principais inovações da época. Numa notável combinação entre tradição e inovação, as *Vésperas* de Monteverdi sintetizam a herança da polifonia quinhentista, ao mesmo tempo que desenvolvem as experiências florentinas e venezianas do final do século (como a monodia acompanhada e a policoralidade) e lançam pistas para o pleno estilo barroco.

Uma das Horas Canônicas mais importantes do Ofício Divino, juntamente com as Matinas, as *Vésperas* eram celebradas ao entardecer e contavam com uma tradição musical de grande riqueza desde há vários séculos. A obra de Monteverdi obedece fielmente à estrutura base da liturgia católica, sendo formada por 14 grandes peças destinadas

a formações vocais e instrumentais diversas. Incluem os cinco salmos habituais nas festas marianas (*Dixit Dominus, Laudate pueri, Laetatus sum, Nisi Dominus e Lauda Jerusalem*), um hino (neste caso o *Ave Maris Stella*) e o *Magnificat*, com duas versões na publicação de 1610. A estas rubricas, Monteverdi acrescentou quatro “concertos” para vozes solistas – que substituem a antífona que se deveria seguir a cada salmo na estrutura padrão da cerimônia – e a extraordinária *Sonata sopra “Sancta Maria”*.

Logo após o versículo introdutório *Deus in adiutorium* (em cantochão), a resposta, *Domine ad adjuvandum*, é atribuída a um brilhante conjunto coral e instrumental que nos dá a ouvir a famosa *Toccata* da ópera *L’Orfeo*, uma espécie de hino da corte dos Gonzaga. Com efeito, pensa-se que o conjunto de peças que formam as *Vésperas*, publicado em Veneza em 1610, constitui uma antologia de música sacra composta por Monteverdi em Mântua, enquanto estava ao serviço dos Gonzaga, pensada para as grandes festas na Basílica de Santa Bárbara. O espaço arquitetónico da igreja e as dimensões das suas tribunas são perfeitamente adequadas às escolhas vocais e instrumentais de Monteverdi.

Todos os salmos integram de modo explícito a fórmula melódica gregoriana tradicional, ao mesmo tempo que apresentam uma escrita coral de grande esplendor, patente em composições para seis, sete, oito ou mesmo dez vozes em dois coros, que recorrem a diálogos e contrastes concertantes e técnicas policorais. Como contraste, os “concertos sacros” (destinados a vozes solistas e baixo contínuo) são peças que seguem o caminho aberto por *L’Orfeo*, explorando a monodia, o recitativo e a ornamentação características da *seconda prattica*. Cada uma destas peças possui uma distribuição vocal e instrumental diferente. *Nigra sum*, para tenor solo, é um expressivo arioso em que o ritmo segue a prosódia natural do texto e recorre a alguns madrigalismos (passagens nas quais a música aplicada a determinada palavra ou frase expressa o seu sentido); *Pulchra es* é um dueto de sopranos que faz alternar maleáveis linhas melódicas virtuosísticas com passagens mais incisivas de métrica regular; no belíssimo *Duo seraphim*, aos dois serafins (dois tenores) que proclamam a glória do Senhor,

junta-se uma terceira voz (baixo) em uníssono como forma de evocação da Santíssima Trindade; e em *Audi coelum*, o compositor trabalha com mestria sugestivos efeitos de eco, como se se tratasse de vozes que vêm do céu.

Em lugar de um quinto “concerto sacro”, Monteverdi incluiu a *Sonata sopra “Sancta Maria”*, para oito instrumentos e baixo contínuo, na qual a invocação “*Sancta Maria ora pro nobis*”, na voz de soprano, emerge intermitentemente sobre exuberantes intervenções instrumentais apoiadas num ostinato. Finalmente, as duas versões do *Magnificat* permitem escolher entre uma composição mais grandiosa (a sete vozes e seis instrumentos) e outra menos imponente, para seis vozes e baixo contínuo. Em qualquer dos casos, Monteverdi apresenta soluções distintas para cada versículo, plenas de criatividade, reforçando a ideia de que esta obra magistral se pode comparar a uma fascinante enciclopédia da música sacra do início do século XVII.

CRISTINA FERNANDES

## Leonardo García Alarcón

Natural de La Plata, na Argentina, Leonardo García Alarcón estudou piano antes de viajar para a Europa em 1997. Ingressou no Conservatório de Genebra, na classe da cravista suíça Christiane Jaccottet, e complementou a sua formação teórica no Centro de Música Antiga de Genebra. Foi assistente do maestro Gabriel Garrido (Ensemble Elyma) e trabalhou também com John Eliot Gardiner e Philippe Herreweghe, vindo a afirmar-se, em poucos anos, como músico de topo no domínio da música barroca. Fundou o agrupamento Cappella Mediterranea, especializado na música barroca europeia e sul-americana. A esta responsabilidade juntou a liderança da Millennium Orchestra, agrupamento que fundou para acompanhar o Coro de Câmara de Namur, do qual é diretor artístico.

Divide o seu tempo entre a França, a Bélgica, a América do Sul e a Suíça, tendo-se dedicado à recuperação e direção de obras esquecidas de compositores como Sacrati, Draghi, Falvetti, Rossi ou Cavalli. Muito relevante tem sido o trabalho de Alarcón em torno das obras de F. Cavalli: em 2016 dirigiu *Eliogabalo* na abertura da temporada da Ópera de Paris, além de *Il Giasone*, em Genebra. Em 2017 dirigiu *Erismena* no Festival d'Aix-en-Provence. *La finta pazza*, de F. Sacrati, e *El Prometeo*, de A. Draghi, são outros exemplos de importantes recuperações musicais, ambas apresentadas na Ópera de Dijon. Em 2018 dirigiu *L'Orfeo* de Monteverdi na Berlin Staatsoper, e em 2019 *Les Indes galantes* de Rameau, na Ópera da Bastilha. Em 2022 dirigiu um anova produção da célebre *Atys de Lully*, em Genebra e em Versalhes, e *Acis and Galatea* de Händel no Concertgebouw de Amesterdão. Em 2019 foi-lhe atribuído o título de *Chevalier de l'Ordre des Arts et des Lettres* pelo governo francês.

## Mariana Flores

Mariana Flores nasceu na Argentina. Estudou canto na Universidade de Cuyo e aperfeiçoou-se com Rosa Domínguez na Schola Cantorum Basiliensis, na Suíça. Especialista no repertório barroco, participou em produções líricas na Ópera de Paris, no Grand Théâtre de Genève, na Opéra Comique (Paris), na Ópera de Dijon, no Festival d'Aix-en-Provence e no Teatro Colón de Buenos Aires. Trabalhou com artistas de renome internacional neste domínio como Christina Pluhar, Teodor Currentzis, John Eliot Gardiner e Leonardo García Alarcón, entre outros. Colabora regularmente com a Orquestra Cappella Mediterranea e o Coro de Câmara de Namur. Em 2016 participou em duas óperas de Sebastián Durón, tendo-se então estreado no Teatro de la Zarzuela de Madrid. O álbum *Teatro dei Sensi*, dedicado a Cavalli, lançado no outono de 2015, foi merecedor dos prémios *Choc de l'année* da Revista *Classica* e *Diapason d'Or*. Em 2016 gravou com Leonardo García Alarcón e a Cappella Mediterranea o CD *Monteverdi: i 7 Peccati Capitali*, nomeado para os *Victoires de la musique*. Em 2021 foi lançado o título *Lamenti & Sospiri*, com obras de Sigismondo d'India, e ainda *L'Orfeo* de Monteverdi. Em 2022 foi lançada a gravação de *La finta pazza*, de Francesco Sacrati, seguindo-se uma digressão europeia desta ópera, na qual Mariana Flores se tinha já destacado, no papel principal, em 2019. Em 2023 deu-se o lançamento do disco *Alfonsina: Canciones Argentinas*, um registo muito pessoal em que Mariana Flores é acompanhada pelo alaudista Quito Gato.

## Deborah Cachet

Laureada no programa *Le Jardin des Voix 2019*, de Les Arts Florissants, a soprano belga Deborah Cachet colabora com outros agrupamentos de música antiga como Akademie für Alte Musik Berlin, Collegium 1704, Le Poème Harmonique, il Gardellino e Holland Baroque, tendo-se apresentado em muitos dos principais palcos europeus e em festivais como o “Maio Francês” (Hong-Kong), o Festival de Saintes, o Festival van Vlaanderen, o Festival de Música Antiga de Utrecht, o Festival de Rheingau e o Festival de Innsbruck.

Na temporada 2022-2023, cantou o papel de Procris, na ópera *Céphale and Procris* de Jacquet de la Guerre, com o ensemble A Nocte Temporis, em Bruxelas, Versalhes e Namur. Com Les Talens Lyriques e Christophe Rousset, gravou *Thésée* de Lully, e com il Gardellino cantou *Membra Jesu Nostri*, de Buxtehude. Com a laudista Sofie Vanden Eynde apresentou-se em vários recitais com um programa de *airs de cour*. O repertório de ópera de Deborah Cachet inclui ainda: *Sonho de Uma Noite de Verão* (Helena), de Britten, na Ópera de Tours; *Gli amori d'Apollone e di Dafne* (Procri, Musa e Ninfa), de Cavalli, no Festival de Música Antiga de Innsbruck; *Dido e Eneias* (Dido), de Purcell, com Paul Agnew e a Academia Barroca do Festival d'Ambronay; *La finta giardiniera* (Arminda), de Mozart, com Les Arts Florissants; e *Les Boréades* (Alphise), de Rameau, com o Collegium 1704. Deborah Cachet estudou em Lovaina, na LUCA School of Arts, com Gerda Lombaerts e Dina Grossberger, e no Conservatório de Amesterdão com Sasja Hunnege. Aperfeiçoou a sua técnica vocal com Rosemary Joshua. Recebeu primeiros prémios no Concurso Internacional de Canto Barroco de Froville (2015) e no concurso New Tenuto (2013) e foi finalista no 8.º Concurso Antonio Cesti.

## David Sagastume

O contratenor David Sagastume colabora regularmente em concertos e gravações com o Ricercar Consort, a Cappella Mediterranea, Les Sacqueboutiers de Toulouse, o Ensemble Gilles Binchois e La Grande Chapelle, entre outros agrupamentos. Desde 1998 é membro da Capella Reial de Catalunya, dirigida por Jordi Savall. Como solista, colaborou com muitos outros agrupamentos, incluindo a Orchestra of the Age of Enlightenment, o Concert Français, o Café Zimmerman, a Netherlands Bach Society, dirigida por Gustav Leonhardt, e o Euskal Barrokensemble dirigido por Enrike Solinís. Menos conhecida é a sua paixão pelo violoncelo, instrumento ao qual se dedica há muitos anos. Recebeu o prémio de excelência no seu exame de graduação (nasceu em Vitoria-Gasteiz, em 1972). Em simultâneo, estudou cravo, viola da gamba, música de câmara e composição, bem como canto com R. Levitt e Carlos Mena. Durante os seus estudos, foi membro do Ensemble Instrumental Jesús Guridi, prioritariamente dedicado à interpretação da música do séc. XX e contemporânea. Foi também membro da Joven Orquesta de Euskal Herria (EGO) e colaborou frequentemente com a Orquestra Sinfónica Basca. Na qualidade de contratenor, cantou em palcos tão diversos como a Ópera de Sydney, o Palácio de Versalhes, o Carnegie Hall de Nova Iorque, o Walt Disney Concert Hall de Los Angeles, a Sinfónica de Chicago, a Philharmonie de Paris, o Palau de la Música de Barcelona, o Konzerthaus de Viena, o Concertgebouw de Amesterdão, as Missões Jesuíticas de Chiquitos na Bolívia, o Festival de Cartagena de Índias, a Alhambra de Granada e o Palácio Real de Fez. É membro fundador do grupo Intonaciones, especializado na interpretação do repertório polifónico hispânico dos séculos XVI e XVII.

## Valerio Contaldo

Valerio Contaldo nasceu em Itália, mas cresceu na Suíça. Estudou no Conservatório de Sion, na École Normale Alfred Cortot de Paris e no Conservatório de Lausanne. Em 2008 foi finalista no Concurso Bach de Leipzig. Apresenta-se regularmente nos principais palcos e festivais de música na Europa e na América do Norte.

No domínio da ópera, estreou-se no papel principal de *L'Orfeo*, de Monteverdi, com a Cappella Mediterranea e o maestro Leonardo García Alarcón, em Bruxelas. Em 2021, regressou ao papel de Orfeu no Festival de Budapeste e no Grand Théâtre de Genève. Seguiu-se o papel de Lurcanio (*Ariodante* de Händel), com Les Musiciens du Louvre, os papéis de Ferrau e Astolfo (*Il Palazzo incantato* de L. Rossi) na Ópera de Dijon, na Ópera de Versalhes e no Théâtre de Caen. Mais recentemente, interpretou Diomedes (*La finta pazza* de F. Saccati) no Victoria Hall de Genebra.

Em concerto, cantou várias obras, incluindo *Il Trionfo della Divina Giustizia* de N. Porpora, na Ópera de Versalhes, a *Paixão segundo São Mateus* e a *Paixão segundo São João*, de J. S. Bach, nos Países Baixos e com Les Musiciens du Louvre, o *Requiem* de Mozart, em Lyon, Avignon e Ambronay, as *Vésperas* de Monteverdi, em Beaune, e a Missa em Si menor de J. S. Bach, em Versalhes e Dijon, com a Cappella Mediterranea.

Em 2022-2023, interpretou Testa (*Il combattimento di Tancredi e Clorinda* de Monteverdi), no Festival d'Aix-en-Provence e em Caen; Morfeu (*Atys* de Lully), no Grand Théâtre de Genève e em Versalhes; e Oronte (*Alcina* de Händel), em digressão com Les Musiciens du Louvre. Destaque ainda para concertos com a Filarmónica da Radio France, a companhia lírica Les Epopées, e o coro Accentus.

## Mathias Vidal

Mathias Vidal estudou musicologia na Universidade de Nice e canto com Christiane Patard. Diplomou-se pelo Conservatório de Paris em 2003. Participou em muitas óperas de Rameau, Lully, Campra, Boismortier, Monteverdi, Purcell e Cavalli, bem como em operas cómicas e operetas, incluindo *La vie Parisienne*, *La Périchole*, *Fra Diavolo*, *La belle Hélène*, *Le dilettante d'Avignon*, *Les Chevaliers de la Table ronde* e *La fille de Madame Angot*. O seu repertório inclui ainda Nemorino (*L'elisir d'amore*), Ernesto (*Don Pasquale*), Elvino (*La sonnambula*), Almaviva (*O barbeiro de Sevilha*), Ramiro (*La Cenerentola*) e o papel principal de *Le Comte Ory*. Também interpreta o repertório romântico francês, bem como obras do século XX e contemporâneas. Nas últimas temporadas, integrou os elencos de *Les Boréades* (Abaris), em Oldenburg e Dijon, *Les Indes galantes* (Valère e Tacmas), *Platée* (Thespis), *A flauta mágica* (Tamino), em Avignon e Versalhes, *Così fan tutte* (Ferrando), em Toulouse, *Don Pasquale* (Ernesto), em Oldenburg, *Orphée aux Enfers* (Aristée e Pluton), na Komische Oper Berlin, *Orlando Paladino*, *Orphée et Eurydice*, *Fausto*, *Salomé* e *O Morcego*, entre outras óperas. Os seus compromissos para a presente temporada incluem: *Os pescadores de pérolas* (Nadir), no Capitólio de Toulouse; o papel principal em *Platée* de Rameau, na Ópera de Zurique; *Les Boréades* (Abaris), em Oldenburg; o papel principal em *Atys* de Lully, em Avignon e no Théâtre des Champs-Élysées; *O rapto do serralho* (Belmonte), em Versalhes (versão francesa), bem como participações em concerto, com destaque para *Lélio* de Berlioz, com a Orquestra Nacional do Capitólio de Toulouse, e para colaborações com o Stradivaria Ensemble e com La Chapelle Harmonique.

## Andreas Wolf

Andreas Wolf desenvolve uma carreira internacional nos domínios da ópera e do concerto, especialmente como intérprete do repertório clássico e barroco. Na temporada 2022-2023, interpretou Júpiter, em *Platée* de Rameau, na Semperoper Dresden, e uma versão encenada da *Paixão segundo São João*, de J. S. Bach, na Ópera de Estugarda. Em concerto, apresentou-se no Festival Händel de Göttingen, gravou obras de Händel e Durante com o RIAS Kammerchor, cantou o *Requiem* e a Missa em Dó menor de Mozart, com o Coro da Rádio Flamengo e a Orquestra Nacional de Lille respetivamente, o *Requiem* de Fauré, com a Sinfónica de Hamburgo, e o programa intitulado *La Passion del Gesù*, com a Cappella Mediterranea. Com Ton Koopman, cantou o *Messias* de Händel, em digressão europeia com a Amsterdam Baroque Orchestra, e a *Oratória de Natal* de J. S. Bach no Konzerthaus de Viena. Outras atuações em concerto incluíram: a Missa em Sol maior de Schubert e a *Oratória de Natal* de Saint-Saëns, com a Filarmónica dos Países Baixos e V. Petrenko; a *Messe Solennelle* de Berlioz, com Le Concert Spirituel, em Versalhes e Bruxelas; *Belshazzar* de Händel, nos Festivais de Salzburgo e Beaune e na Philharmonie de Berlim; *Elias* de Mendelssohn, com a Sinfónica de Hamburgo; a *Harmoniemesse* de J. Haydn e *In Terra Pax* de Frank Martin, com Peter Dijkstra e a Filarmónica da Rádio dos Países Baixos; a *Paixão segundo São Mateus* no Festival Bach de Leipzig, com Ton Koopman; *Saul* de Händel, com a Bachakademie Stuttgart; *Rocco*, em *Fidelio* de Beethoven, com a Orquestra Barroca de Wrocław; *Serse* de Händel, com Il Pomo d'Oro, no Theater an der Wien e no Théâtre des Champs-Élysées; e a *Oratória de Natal* de J. S. Bach, com a Sinfónica de Gotemburgo, o Concerto Köln e o Coro da Rádio da Baviera.

## Rafael Galaz

O mexicano Rafael Galaz estudou piano e canto lírico na Universidade de Sonora, no México, tendo obtido o grau de mestre. Em 2012 mudou-se para França e ingressou na classe de canto de Aniella Zins no Conservatório de Besançon, instituição onde concluiu os seus estudos superiores e recebeu o 1.º prémio do concurso para jovens músicos da orquestra Victor Hugo, Franche-Comté. Estudou também no Centro de Música Barroca de Versalhes, sob a direção de Olivier Schneebeli. No domínio da ópera, as atuações de Rafael Galaz incluem, entre outras: *A flauta mágica* (Papageno), *Così fan tutte* (Guglielmo) e *Don Giovanni* (papel principal) de Mozart, *Dido e Eneias* de Purcell e *Le Bourgeois gentilhomme* de Lully. Em concerto, foi solista nas obras *Carmina Burana* de Orff, *Missa de Santa Cecília* de Gounod, *Petite messe solennelle* de Rossini, *Te Deum* de Charpentier e *Paixão segundo São Mateus* de J. S. Bach. Trabalhou com os maestros Leonardo García Alarcón, Christophe Rousset, Sebastiano Rolli, Richard Eggar, Nicolas Chesneau e Michel Laplénie.

# Cappella Mediterranea

Em menos de vinte anos, a Cappella Mediterranea afirmou-se como um dos mais destacados intérpretes de música barroca e clássica. Leonardo García Alarcón criou este conjunto em 2005 para servir os repertórios do mundo latino, do madrigal à grande ópera. Se o intimismo dos madrigais de C. Monteverdi, B. Strozzi, S. d'India ou J. Arcadelt destaca os alaudistas, os gambistas ou os violinistas, reunidos em torno do cravo e do órgão de Alarcón, foi a redescoberta de um repertório mais amplo que estabeleceu a reputação internacional da Cappella Mediterranea. Neste repertório, os músicos da Cappella Mediterranea participam na pesquisa de Alarcón sobre as ideias de autenticidade, articulação e interpretação musical. A sua atração por todas as formas de teatralidade levou-os a participar em *Les Indes galantes* de Rameau, coreografadas por Bintou Dembélé e encenadas por Clément Cogitore, espetáculo que triunfou na Ópera da Bastilha em 2019. Destaque ainda para uma releitura de *Atys* de Lully, coreografada e encenada por Angelin Preljocaj (Genebra e Versalhes, 2022). Estas incursões pela música francesa não devem obscurecer o que continua a ser o núcleo do repertório, nomeadamente Monteverdi, com *L'Orfeo* e *L'Incoronazione di Poppea* (Aix-en-Provence em 2022 e Versalhes em 2023), mas também Francesco Cavalli, com *Elena*, *Eliogabalo*, *Il Giasone* e *Erismena*. No domínio do repertório sacro, *Vespro della beata Vergine* de Monteverdi, bem como a Missa em Si menor e a *Paixão segundo São Mateus*, de J. S. Bach, deixaram na memória momentos particularmente intensos, destacando-se a colaboração com o Coro de Câmara de Namur, do qual Alarcón é o diretor artístico desde 2010. Mais recentemente, o conjunto abordou o repertório contemporâneo com a primeira grande composição de Alarcón: a oratória *La Passione di Gesù*, uma obra poderosa e muito pessoal, que foi recebida com entusiasmo em Ambrony e Genebra em 2022.

**Tami Troman** Violino solo  
**Laura Corolla** Violino  
**Samantha Montgomery** Viola  
**Teodoro Baù** Viola da gamba  
**Oleguer Aymamí Busqué** Violoncelo  
**Eric Mathot** Contrabaixo  
**Rodrigo Calveyra** Corneto  
**Doron Sherwin** Corneto  
**Alexis Lahens** Sacabuxa  
**Fabien Cherrier** Sacabuxa  
**Jean-Noël Gamet** Sacabuxa  
**Mélanie Flahaut** Fagote  
**Mónica Pustilnik** Arquiálaúde  
**Marina Bonetti** Harpa  
**Jacopo Raffaele** Órgão  
**Ariel Rychter** Órgão

A Cappella Mediterranea tem o apoio do Ministério da Cultura - DRAC Auvergne Rhône Alpes, da Região Auvergne-Rhône-Alpes, da Cidade de Genebra, de uma fundação familiar suíça, de uma fundação privada de Genebra, do seu Círculo de Amigos e do seu Círculo de Empreendedores, com Diot-Siaci, Chatillon Architectes, Synapsys, Quinten e 400 Partners.

Madame Aline Foriel-Destezet é a mecenas principal da Cappella Mediterranea.

A Cappella Mediterranea é membro da Fevis (Fédération des Ensembles Vocaux et Instrumentaux Spécialisés) e do CNM (Centre National de la Musique).

## Coro Gulbenkian

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores. Pode atuar em grupos vocais mais reduzidos, apresentando-se tanto *a cappella* como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos para a interpretação das grandes obras. No domínio da música contemporânea, tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras de compositores portugueses e estrangeiros. Tem colaborado regularmente com prestigiadas orquestras, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburg Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Real Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon ou a Orquestra de Paris. O Coro Gulbenkian participou em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence. A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNAC Music e Aria Music, tendo ao longo dos anos registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Entre 1969 e 2020, Michel Corboz foi o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. Inês Tavares Lopes é maestra adjunta e Jorge Matta é consultor artístico.

### SOPRANOS

Ana Raquel Sousa  
Beatriz Ventura  
Claire Rocha Santos  
Filipa Passos  
Maria José Conceição  
Mariana Moldão  
Mónica Beltrão  
Rosa Caldeira  
Sara Afonso  
Tânia Viegas  
Teresa Duarte  
Verónica Silva

### CONTRALTOS

Beatriz Cebola  
Fátima Nunes  
Joana Esteves  
Joana Nascimento  
Manon Marques  
Marta Ribeiro  
Michelle Rollin  
Rita Tavares

### TENORES

Aníbal Coutinho  
António Gonçalves  
Artur Afonso  
Dinis Rodrigues  
Francisco Cortes  
Gerson Coelho  
Jorge Leiria  
Nuno Raimundo  
Pedro Rodrigues  
Simão Pourbaix

### BAIXOS

Afonso Moreira  
João Costa  
João Luís Ferreira  
José Bruto da Costa  
Miguel Carvalho  
Miguel Jesus  
Nuno Gonçalo Fonseca  
Nuno Rodrigues  
Pedro Casanova  
Rui Bôrras

---

### COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

### PRODUÇÃO

Fátima Pinho  
Marta Ferreira de Andrade  
Joaquina Santos

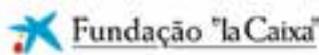
**Se não puder  
vir a um concerto,  
ofereça o seu bilhete.**

**90% dos lugares vazios  
no Grande Auditório  
correspondem a  
bilhetes comprados.**



**GULBENKIAN.PT**

A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos  
*a cultura*  
para *melhorar*  
*a sociedade*



MECENAS  
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS  
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS  
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS  
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS  
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

